



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

A CRIADA DO TIO JOÃO

Por FRANCISCA DO CARMO COSTA

A Mariazinha, o mano Alberto e os primos José e Luízinho reuniram-se naquela quinta-feira, no quintal do tio João.

Fartaram-se de pular no muro, de saltar para cima dum velho galinheiro e de fazer mil tropelias com o «Bengo», um enorme cão, que quando rosnava metia medo, mas que era muito mansinho e também gostava da brincadeira.

Quando se sentiram um pouquinho cansados, foram sentar-se debaixo duma janela e, como ficassem muito quietinhos, ouviram a tia Cândida dizer ao tio João:

— «As crianças sempre têm cousas! Ora imagine porque é que os seus sobrinhos gostam muito de vir brincar para o seu quintal?»

Os sobrinhos do tio João, que já estavam dispostos a voltar novamente para a brincadeira, como percebessem que se falava deles, puzeram-se muito encolhidos e, muito baixinho, foram passando uns aos outros:

— «Chut! Chut!...»

O Alberto e a Mariazinha puzeram, logo, a mão a tapar a boca, porque tiveram vontade de rir. O Luízinho, com os olhos a luzir, ia ceitando tudo a perder, porque já não podia conter o riso e a risota ia-se pegando a todos.

O Alberto, que era o mais esperto, baixou a cabeça e meteu o nariz debaixo do casaco para que se não ouvisse

fungar, pois o riso, encontrando a boca fechada, queria sair pelo nariz.

Todos à escuta, ouviram a tia Cândida explicar:

— «Pois não sabe o que é que os seus sobrinhos encontraram no quintal para gostarem tanto dele?»

— «Não sou capaz de atinar!» disse o tio João.

— «É o velho criado! E não sabe porquê? Porque está sempre a dormir!»

Os sobrinhos do tio João olharam uns para os outros e, desta vez, não puderam conter o riso.

Então, levantaram-se e para o que lhes havia de dar? Foram ver se o criado se encontrava, ainda, entregue à sua habitual soneca.

Efectivamente, o bom vélhote lá estava no mesmo sitio, sentado à entrada dum caramanchão todo coberto de lindas rosas trepadeiras e dir-se-ia que, quanto mais os pequenics se aproximavam, mais éle rressonava.

Houve um momento que dir-se-ia o bom vélhote ter acordado e que se dispunha a assobiar baixinho, mas fóra engano. Era ainda éle a rressonar.

— «Podemos brincar, à vontade, que ninguém nös rajha. — (disse o Alberto, que era o mais esperto.) — O criado continua a dormir!»

— «Vamos brincar à História!» lembrou o primo José.

— «Eu faço de rainha Santa Isabel!» pediu a Mariazinha.

— «Então eu vou roubar flores!» exclamou Luízinho. Deu a volta ao caramanchão e começou a tirar rosas, enquanto o Alberto espreitava, a-fim-de ver se o criado continuava dormindo.

O Luízinho, a cada rosa que tirava, ficava algum tempo à espera que o Alberto fizesse sinal de poder continuar.

Tinham já um ramo bem bom mas a Mariazinha achava ainda poucas as rosas.

Ia o Luízinho a arrancar mais flores, quando o Alberto fez sinal de parar.

O criado esfregava os olhos e parecia ter já acabado a sua soneca.

O Alberto aborreceu-se de estar álesta, a-fim-de saber se o criado ficara ou não ferrado no sono e veio dizer:



— «Deixemos a rainha santa para a outra vez. Eu quero fazer de Infante D. Henrique.»

— «E o chapéirão que o Infante usava?» — perguntou o José.

— «Vou buscá-lo à cabeça do criado — (respondeu o espectralhãdo do Alberto) — e, assim, fico sabendo se ele está a dormir ou não.»

Todos desataram a rir, e, a-pesar-de tanta risota, o bom do velho não acordou.

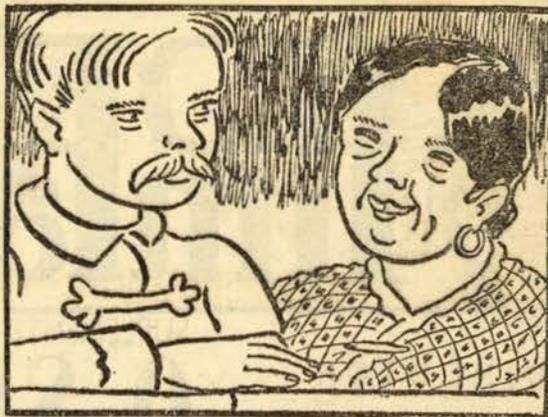
O Alberto, muito devagarinho e com muito jeitinho, conseguiu tirar o chapéu da cabeça do criado.

O Luizinho, que não queria ficar atrás do primo, teve outra ideia:

— «E eu vou fazer de D. João de Castro!»

— «E as barbas?» — disse a Mariazinha, que gostava muito de História.

— «Já as vou arranjar...»



Foi direito ao muro e, quando voltou, trazia uma tesoura de podar.

— «Para que queres tu a tesoura?» — perguntou o Alberto.

— «Vou cortar as barbas ao criado; depois pego-as na minha cara e, assim, pareço o D. João de Castro.»

Todos voltaram a rir e pularam, de contentes.

— «Não façam bulha!» — recomendou o Alberto.

— «Ele está a dormir, não ouve nada» — disse o José.

Então, o Luizinho, armado com a tesoura, aproximou-se do velho mas, quando lhe apontou a tesoura à cara, o criado levantou-se de repente e, perante o pasmo de todos os sobrinhos do tio João, exclamou:

— «Ora, esta petizada que imagina que as pessoas crescidas estão sempre a dormir!...»

UMA CARTA

De MILAU

Querida Aninhas:

Estou muito triste, sabes? Disseram-me uma coisa que veio entristecer-me.

Pois quê?! Tu, Aninhas, andas sempre a brincar e não queres saber de mais nada? E desobedeces a tua mãe quando ela te chama para casa? Que feio, Aninhas, isso que tu fazes!

Nunca devemos desobedecer aos nossos pais, porque eles só querem o nosso bem.

Os pais são mais velhos, sabem o que é a vida, e guiam os filhos num caminho que eles já conhecem.

A tua mãe tem muita razão em não querer que tu andes sempre a brincar, pois na tua idade já devias saber ler razoavelmente; já devias ter as tuas horas de estudo. É tão bom estudar!... E não seria mais proveitoso do que andar, sempre, na brincadeira? E que brincadeiras!

Ainda ante-ontem, em casa da Bel, o irmão dela, o Raul, atou uma lata à cauda do cãozinho e vocês todos riam com gosto ao vêr as correrias aflitivas do pobre animal.

Tu, principalmente, estavas radiante. És má, Aninhas!

Sabes que os animais sentem e sofrem como nós?

Nunca pensaste nisso?

Ora vamos, Aninhas, sé boa!

Deves tratar bem os animais e impedir que as outras crianças sejam más para eles.

Não penses apenas na brincadeira; dispõe-te às tuas horas de estudo, mas estuda com atenção.



Em nos dias em que a chuva aborrecida, não te deixa brincar no jardim, imagina como a tua avózinha ficará contente se te sentares junto dela e lhe pedires um lençinho para embaiñar.

Ao princípio vai ser difícil, bem sei. Os teus oito anos travéssos não estão habituados a tanto sossêgo; os pés não se querem conservar quietos... Mas habituas-te, verás.

E que enorme recompensa terás, ao ver muito contentes o pai, a mãe, a avózinha!... A avózinha que não tem mais netas e para quem tu és um raiozinho de sol...

Adeus, Aninhas; pensa em tudo isto e faze por ser boa, obediente e estudiosa. Pede-te a tua amiguinha,

MILAU

F I M

DO LIVRO DE
GRACIETTE BRANCO
«A VIDA de 3 CRIANÇAS»

HA DIAS POSTO À VENDA

Transcrevemos a *ABERTURA* e o *EPÍLOGO*

Maria Leonor de Castro Rebelo acaba de dar entrada no Colégio de Santa Terezinha, um edificio de architectura sóbria, pousado, magestosamente, junto ao mar, em Póvoa de Varzim. Largas janelas se rasgam, amplamente, sobre o regaço ondulante das vagas e toco o Colégio respira um ar de sanatório arejado.

Bandos de gaivotas, em vôos de requintadas curvas, desenhavam espirais, sob a cúpula grandiosa do Céu, ou ornamentadas, com airosos frisos, as colunas roliças, quando pousadas em momentâneo repouso.

Maria Leonor sobe a vasta escadaria, com seus olhinhos, azuis e límpidos, pousados, tristemente, nas asas duma pomba...

Maria Leonor é pomba mas vai vestida de negro...

Tem dōze anos, apenas. Órfã de Pai, um fidalgo arruinado, morto, desastrosamente, num trágico passeio de automóvel, vivia, há oito anos, com sua carinhosa Mãe, uma pobre senhora de alma sofredora e resignada, que tudo via pelos olhos da filha e que outro amor não tinha, além da sua Maria Leonor.

Ambas afastadas da sociedade, vivendo modestamente no seu velho palácio de Barcelos, carpiam juntas as mesmas mágoas, apenas partilhando delas a velha criada Joana que, em tempos já distantes, fôra ama extremosa do senhor Castro Rebelo, pai de Maria Leonor.

D. Luisa Eugénia, Mãe da linda criança, vivendo em precária situação financeira, vendera todas as suas jóias de família, preciosidades valiosas e artísticas, para que nada faltasse à pequenina Maria Leonor, anjo de alma branca, a quem o destino se mostrava tão negro.

EPÍLOGO

São passados vinte anos!

O Tempo, o infatigável companheiro de séculos e séculos sem fim, polvilhou de prata as venerandas cabeças dos Condes do Minho.

Reina, porém, uma intensa alegria no palácio, alegria constante e eterna, nascida do ambiente escrupulosamente recto e simpático, criado pelo conjunto daquelas almas eleitas.

Madalena, noiva dum rapaz das melhores famílias e dotado de todas as qualidades morais para a fazer feliz, trabalha, ela própria, activamente, no seu rico enxoval.

Maria Leonor, a adorável órfãzinha que tão feliz fôra na infância, ficara sempre a viver no palácio e é hoje a esposa dedicada de José, seu companheiro na miséria e na opulência.

A tia Mafalda, roída de remorsos, modificara o testamento, deixando a Maria Leonor uma fortuna sólida.



Logo, no espirito da orfa, raiou uma idea que a sua actividade pôs, imediatamente, em prática.

Sabendo da morte de D. Maria da Madre de Deus, partiu a caminho do Colégio de Santa Terezinha...

Actualmente, é a sua Directora, no Colégio empregando toda a sua fortuna.

As salas foram remodeladas, todo o Colégio sofreu uma melhoradora modificação e é hoje apontado como modelo, entre os primeiros colégios do País.

As crianças educam-se e instruem-se, sob a vigilância de professoras competentes e à sombra — sombra que é Sol! — do alto espirito educativo e da intelligência lúcida de Maria Leonor.

As horas de infortúnio, aí passadas, esqueceu-as ela, compensada já pela grande felicidade do Presente.

E, ao tópo da larga escadaria do Colégio, talhada em mármore rosado e ornamentada pelas mais ricas e exóticas plantas; povoada por bandos de gaivotas, que trazem ainda, nas asas, a espuma prateada do mar; sorri, extática e contemplativa, a imagem suavíssima de Santa Terezinha, agora, bem justificadamente, a padroeira do importante Colégio — o mais belo Colégio do Norte de Portugal!

ANEDOTAS DO
GREGÓRIO

No mesmo hotel, um hóspede comia, ao jantar, carne de vitela. Resmungava:

— «Irra! Que carne tão negra!»

Gregório respondeu, então:

— «Admira-se da carne ser negra?»

Também eu. Pois olhe que o burro era branco.»

Gregório é, agora, condutor dos «eléctricos.»

Um homem que estava numa paragem, perguntou-lhe:

— «O' senhor condutor, há lugar no carro?»

— «Está visto que há...» — respondeu Gregório.

O homem sobe e não encontra lugar vago.

— «Oh, seu bruto, você disse-me que havia lugar e afinal...»

— «Eu disse que havia lugares e,

de facto, há. O que estão é todos ocupados.»

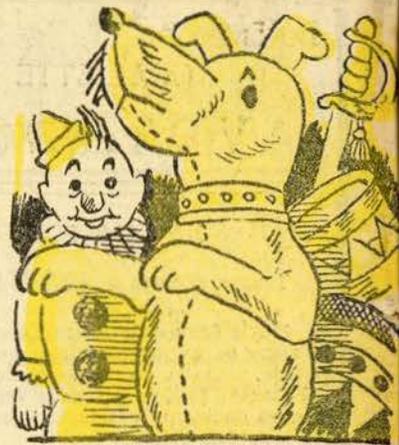
Um espanhol gabou-se a Gregório: — «Tenho um amigo, em Sevilha, que, com a mão direita, levanta uma casa...»

O nosso homem riu-se e respondeu: — «Pois eu tenho, em Sevilha, um amigo, tão fraco que, uma vez, ao apanhar um fósforo de cera com a mão esquerda, partiu a direita.»

MEMÓRIAS

DUM BÉU-BÉU de ESTÔPA

Por MARIA MADALENA FERNANDES



S meus amiguinhos conhecem-no? Sabem quem é?... Pois eu sei! Conheci-o muito bem e durante muito tempo. Por este motivo, fiquei sabendo bem dos seus hábitos, dos seus gostos, das suas preferências e, até, das suas manias. Julgam que não? Pois tinha-as, às vezes, o nosso «Béu-Béu» de estôpa. Como a sua vida está cheia de casos engraçados e de vários percalços que a sua tontice não sabia evitar, contam-se as suas memórias, em «memória» da sua saudável existência.

— «Era manhazinha cedo, tão cedo ainda que na capoeira o galo não acordara, na galola dourada o canário não trinará, o papagaio adormecido não gritara o seu fanhoso «Bom-dia», o gato, a um cantinho, não miara, enfim, não parecia ser dia!

O silêncio, que reinava por toda a casa, era apenas cortado pelo «tic-tac» do relógio pendurado na casa de jantar. Daí por uns momentos: «tão!... tão!... tão!...» badalava a pêndula seis horas... Nisto... abriu-se a porta dum armáriozinho azul, o armário dos brinquedos dum menino que hoje é já um homenzinho para quem os «bonitos» são apenas recordações. Cautelosamente, muito de mansinho, a porta abriu-se e (devagarinho, uma perna agora, depois outra, o rabito encaracolado e as longas orelhas peludas) saiu finalmente o «Béu-Béu» de estôpa. Uma vez cá fóra, en-

direitou-se, esticando os membros, num velho hábito de ginástica. Na meia luz que tudo velava, «Béu-Béu» avançou aos poucos, para não fazer bulha, e saiu para o corredor. Ai! o corredor! Que recordações!

Era ali que mais e melhor brincava o seu dono pequenino. Ele era um espectador imaginário, árbitro dum «foot-ball» con-



vencional, pois o menino, sozinho, realizava o jogo todo!

«Béu-Béu» foi andando. Acolá — lá estavam ainda os sinais — era o lugar predilecto de atirar ao alvo e ele, não poucas vezes, servira de «mouche».

Para prova, existia ainda a cicatriz no seu flanco direito!

Receando comover-se demasiado, «Béu-Béu» quiz livrar-se de mais recordações, e entrou pela primeira porta que encontrou. Era a casa de banho muito branquinha. Brrr!... que frio lá fazia!

E ainda havia quem tivesse vontade de tomar

banho! «Béu-Béu» foi andando, entrou por outra porta...

Era a cozinha. Ali sim! Até cheirava bem a petiscos...

Que saudades, também, lhe fazia aquele cantinho onde ele e o seu «menino», em dias de festa, assistiam aos preparativos para fazerem os doces, os biscoitos no forno.

Todo trémulo de comoção, «Béu-Béu» foi passando revista à cozinha, até que os seus olhinhos, pasmados, se fixaram na chaminé. Que seria aquilo? A manhã vinha clareando e, agora, distinguiam-se bem os objectos.

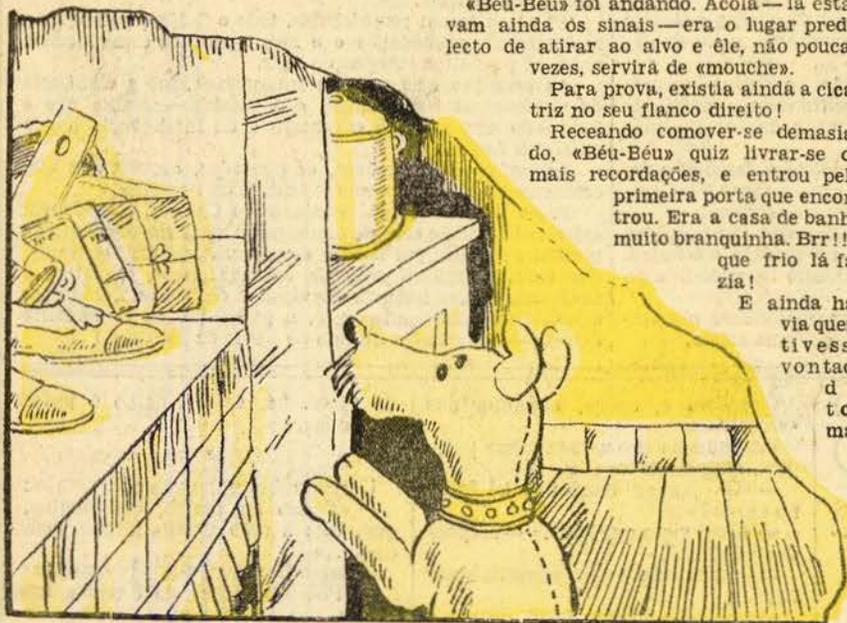
«Béu-Béu» encarou o fogão reluzente, esfregou os olhos com a patôrta, não fosse ilusão sua! Mas não era. Depois, olhou a pedra da chaminé e, de novo, esfregou os olhos com a outra pata. Não era sugestão! Acabava de ver nada menos que dois sapatos e, à roda deles, várias caixas e embrulhos vistosos. E ele reconhecia os sapatos que deviam pertencer ao seu antigo dono. Pena era que não visse bem o que tinham dentro.

Fincando-se nas patas trazeiras, tomou balanço, formou pulo e e-i-o em cima da chaminé. Uma vez lá, começou a dar conta do que ia vendo: um livro de descrição de viagens e de aventuras, uma grande caixa, que, por mais que fizesse, não conseguiu abrir, um volume maior que lhe pareceu uma telefonia, uma máquina fotográfica, uma bela espingarda, enfim tantas coisas, tantas, tão bonitas!...

Perturbado, evocando uma ocasião como aquela, num Natal já longínquo, encostou-se ao fogão e sentiu humedecerem-se-lhe os olhos de lágrimas...

Ele bem se lembrava! Uma manhã, achara-se junto de vários brinquedos, dentro dum sapatinho de criança, em cima duma chaminé. Rodeavam-no um batalhão de soldaditos de chumbo com o seu garboso porta-bandeira. Nunca mais esquecerá os risos e os ditos alegres que o menino tivera quando, naquele dia de Natal, tivera ver o que Jesus lhe tinha posto no sapatinho. De tudo tinha gostado, mas o «Béu-Béu» de estôpa, tinha-lhe caído em graça e para todos os lados o levava.

De modo que conhecia os cantos da casa e agora, anos volvidos, em toda



(Continúa na página 6)

UM DITO DO BÉBÉ

■ ◆ ■ POR MILAU ■ ◆ ■

CHEGA o Natal. Bébézinho vai pôr o seu sapatinho em cima da chaminé, e fica, então, a cismar, desejando perguntar: — «Santo Deus! Mas como é que Jesus Menino vem? Dize lá, ó minha mãe!» —

— «Olha, filhinho, êle vem pela mão do Pai Natal, um velhote que...» —

— «Ó mãe, um velhote que não faz mal» —

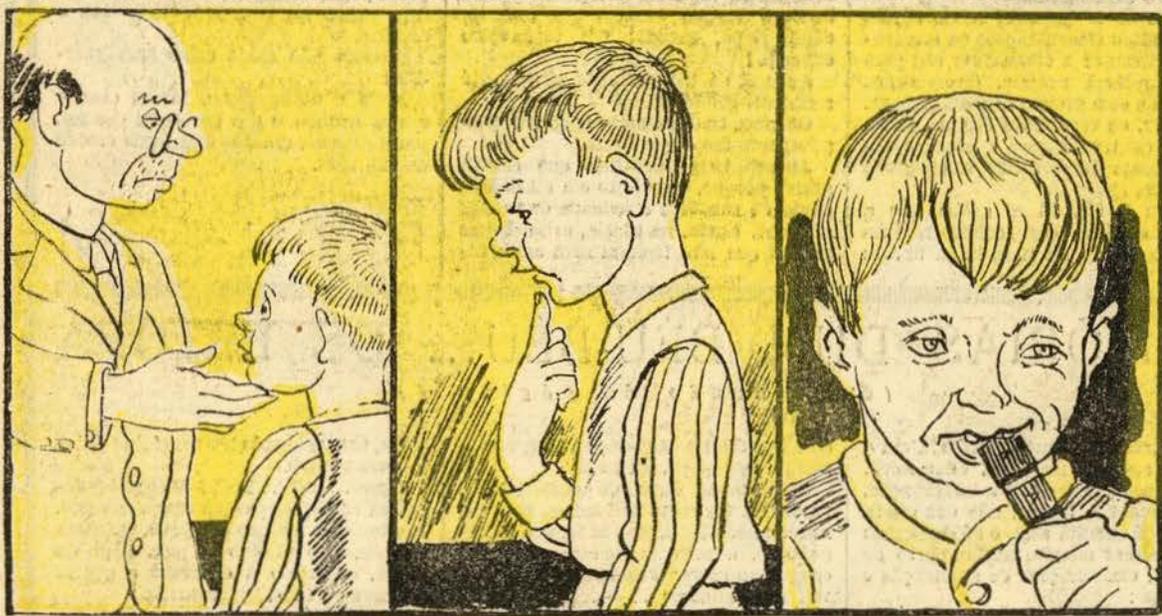
— «Tanta pergunta, Eébé! Nem me deixas concluir. ...Põe tudo na chaminé e vai-se embora, a fugir...» —

De sobrançelhas franzidas, o Bébé, preocupado, diz à mamã: — Ah! pois é!... Mas se vem p'la chaminé fica todo mascarrado; e há-de rujar, já se vê, o bibinho de riscado!» —

F I M



UM PROBLEMA DE ARITMÉTICA



I — O mestre de Zézinho, pergunta-lhe: — «Se o menino tiver duas *tablettes* de chocolate e o obrigarem a dar uma ao seu primo Quim, com quantas fica?»

II — Zézinho pensa, repensa, e, por fim, responde: — «Fico sem nenhuma.»

III — «Ora essa!» — (Diz-lhe o Professor.) — «Pense bem...» — «Fico sem nenhuma — (torna o Zézinho) porque a outra, já eu a tenho comido, antes que me obriguem a dá-la, também.»

COLABORAÇÃO INFANTIL

O DIA de NATAL

CONTO DA MENINA MARIA ISABEL MONTEIRO ALVES

EM certa aldeia vivia um casal, muito abastado, a quem Deus concedera a felicidade duma filha que era o encanto dos pais e se chamava Aurora.

Por ser muito bondosa, era querida de todos.

Cresceu... chegou à idade de ir para a Escola Primária, sendo sempre muito estimada por professoras e condiscípulas, em virtude da sua dedicação ao estudo e boa camaradagem.

Foi a exame de 4.ª classe, obtendo um brilhante resultado.

Os pais, notando que sua filha era muito estudiosa, mandaram-na para o liceu Michaelis do Porto, com a promessa de que, se ela continuasse a ser boa aluna, encontraria em casa uma agradável surpresa, quando viesse passar as férias do Natal.

Aurora ficou radiante e prometeu aplicar-se ainda mais.

No fim do 1.º período, tendo obtido as mais altas classificações da sua turma, apressou-se a comunicar aos pais essa agradável notícia, dizendo-lhes que o fazia com grande contentamento.

Os pais, ao receberem tão boa nova, ficaram contentíssimos e procuraram tornar mais importante a surpresa prometida.

Chegou o dia 24 e, assim que a Aurora entrou em casa, conduziram-na à sala onde estava uma linda árvore



de Natal ornamentada com muitos brinquedos de toda a espécie e uma linda e grande boneca que andava, dizia papá, mamã; um verdadeiro encanto!

Aurora, de tão radiante, chegou até a chorar, comovida.

Os pais, sem a compreenderem, perguntaram-lhe o que tinha.

Aurora respondeu-lhes que estava assim porque, enquanto ela ali estava cheia de conforto e rodeada de tantas alegrias, havia, na aldeia, criancinhas pobres que não tinham nem um boca-

dinho de pão para comer, e pediu aos pais autorização para reunir, na noite seguinte, todas as meninas pobres da aldeia.

Estes ficaram comovidos e satisferam o seu pedido.

Aurora não podia ficar mais contente... Correu, logo, a chamar um criado para, no dia seguinte, avisar todas as criancinhas pobres da aldeia de que estavam convidadas para a festa que ela organizaria.

Em seguida, esta boa menina combinou com a mãe irem ao Porto, naquele mesmo dia, a fim de comprarem livros, vestidos e ainda mais brinquedos.

Antes da noite, já lá estavam todas as criancinhas convidadas e Aurora, muito satisfeita, começou a fazer a distribuição de tudo que tinha comprado, mas houve uma, chamada Natália, que, por infelicidade, já não tinha com que fosse contemplada.

Então, a bondosa menina, sem hesitar, pegou na sua grande boneca e deu-lha.

Natália não sabia como agradecer-lhe!

Após a distribuição, foram ceiar e assim acabou o dia de Natal que foi, para Aurora, um dos dias mais felizes da sua vida.

F I M

MEMÓRIAS DUM BÉU-BÉU... DE ESTÓPA

(Continuado da página 4)

parte encontrava que recordar. Com o focinho apoiado na pata, «Béu-Béu», pensativo, deixou errar a imaginação, deixou andar o tempo, não deu conta que era já manhã alta, e só despertou do seu cismar quando sentiu, perto de si, vozes, exclamações de admiração e de alegria:

— «Olha! Olha!... O que aqui está também! Ora esta! No meio de tantos presentes, então não apareceu o velho «Béu-Béu» de estópa!! Como seria isto?!»

Realmente, como fôra aquilo, como se distraíra e se encontrava agora ali, longe do seu cantinho, lá no armário? Como havia é de voltar para lá?

A matutar nesta dificuldade, foi levado, juntamente com o resto, para cima

do aparador na casa de jantar e, certamente, por graça, ali ficou.

Sentindo-se livre de curiosidades, tratou de ver como dali sairia. Não era mesmo nada fácil, mas ia tentar. Devagarinho, foi-se deixando escorregar, até chegar ao extremo do aparador e, uma vez aí, — zumba!... — deixou-se cair para o chão!

Do trambulhão ficou-lhe uma pata torcida, a «sangrar» serradura! Pois a-pesar-de «ferido», lá se arrastou até chegar ao armário azul. Aí, aumentaram as dificuldades: «Béu-Béu» não queria que o vissem, porque só desejava o sossego do seu cantinho, sentia-se velho e cansado para andar em bolandas.

Escondido atrás duma coluna, esperou que tudo sossegasse e, com a pa-

tôrra, conseguiu abrir o armário e pular lá para dentro.

Agora, sim!... Podia descansar daquelas comoções porque tinha passado. Ajeitou-se o melhor que pôde, em cima da caixa do «Lôto» e, pela fissa da porta, entretido a observar o que se passava cá fóra, ia pensando:

— «Como o tempo passa! Já lá vão tantos anos que o menino brincava comigo e é hoje já um homenzinho. Então, andava ao colo dele todo o dia, e agora, guardado para recordação, resta-me apenas esta extrema consolação — recordar também!...»

Assim evocando o seu passado já distante, acabou, para o «Béu-Béu» de estópa, aquele dia tão cheio de emoções!

UM JORNAL A COPIÓGRAFO

(Continuado do número 568)

Meu amigo :

Quási que te zangaste porque te prometera continuar a explicação do copiógrafo no número seguinte e até hoje... nada. Não te zangues. Fazes-te velho e para velho basto eu...

Já tens o papel para o jornal, todo cortado à medida (que deve ser do taboleiro) e a colaboração literária e artística pronta a seguir.

Na tal folha de papel, quadriculado ou pautado, a que me referi, escreves, a *tinta de copiografo*, os artigos e histórias do teu jornal, dando-lhe um aspecto harmonioso e artístico, dividindo-o em duas ou mais colunas, para parecer um jornal a sério.

Os desenhos, decalcados em papel vegetal, são colados pelas pontinhas (não ponhas cola nas costas do que estiver escrito) nos respectivos lugares.

Quando tudo estiver bem seco (e tem tempo para isso enquanto fazes a massa do copiografo no taboleiro), colocas, muito direitinho, sobre a massa, exercendo uma ligeira pressão durante 20 a 30 segundos. Levantas uma pontinha desse papel e, sem pressas, descola-lo da massa. Ficou lá tudo desenhado às avessas.

Agora é que é preciso pôr tudo a trabalhar! Logo a seguir, colocas o papel do jornal sobre essas letras e levantas-lo, depois de 3 segundos de pressão, ou mais se a tinta fór enfraquecendo após sucessivas tiragens.

INSUCESSOS — A massa forma bôlhas que, ao rebentarem, produzem buracos? — Derreter tudo ao lume, em banho-maria juntando-lhe mais uma porção de água.

O copiografo ficou às ondas?... Não secou com a precisa imobilidade? Remédio: — O mesmo que para o defeito antecedente.

A massa colou-se ao papel de prova? Este defeito pode ter várias origens: — falta de humidade (água), falta de glicerina, massa mal fundida. Lavar a massa com água morna, para lhe tirar a tinta, deitar-lhe glicerina, fundir de novo e só fazer a passagem das provas no dia seguinte àquele em que fór feita. Embora tenha menos persistência e dê, portanto, menos exemplares, está contudo menos sujeita a fracasso desta natureza.

A tinta está muito entranhada na massa? — Cortar com uma faca a massa mais suja, massa que não pode ser aproveitada. Fazer outra porção nova e misturá-la à antiga.

Para lavar a massa deve-se esfregar com um pano ou esponja e água morna, até desaparecer a maior parte da tinta e a água sair clara. Para maior rapidez, cortar os tocaços sujos de tinta, deitá-los fóra e só aproveitar o restante.

Esta operação deve ser feita logo depois de ser utilizado o taboleiro, caso contrário, teremos tudo estragado.

A tinta de copiografo roxa — custa aproximadamente dez escudos. **Notar bem:** — não é tinta de copiador, é tinta de copiografo!

Cá fico esperando as vossa obras!...

Tio Tónio.

ADIVINHA



Meus meninos: Dentro deste caixote, estão 4 animais, cuja designação termina na sílaba: TO.

Quais são a avaliar pelas caudas?...

— «Evidentemente — (respondeu o comandante.) Não viu as caldeiras, dehs, ponte de comando, etc., etc.?»
— «Pois sim. Mas não vi a cavalaria...»

— «A cavalaria?» — perguntou o comandante.

— «Sim. Então, o senhor não disse que aquela máquina era puxada por mil e seiscentos cavalos?...»

PARA OS MENINOS COLORIREM



MAIS ANEDOTAS DO GREGÓRIO

Gregório foi visitar um paquete.

O comandante disse-lhe:

— «Vê, o meu amigo? Esta máquina é de 1600 cavalos.»

Gregório, quando se ia a retirar, perguntou-lhe:

— «O senhor mostrou-me todo o barco?»

TERRIVEL VINGANÇA

4 POR ISOLDINA



I — O senhor Manuel Cortês o merceiro da esquina, presenteou um freguês com Champanhe, marca fina.



II — «Hoje, dia de Natal, fóra com toda a quisilla, vá pr'a longe todo o mal e fique em paz a família!»



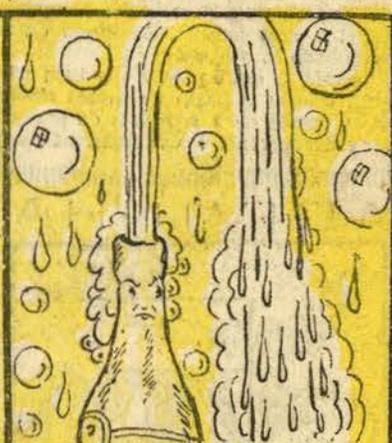
III — diz o chefe; e eis se dispõe a fazer saltar a rôlha. Com jettinho o dedo põe, pr'a se livrar de uma molha.



IV — Ah! Ah! Ah! que boa raça! Este Champanhe não presta... Nem um ar da sua graça, em louvor da grande festa!



V — Põe a garrafa de parte, com soberano desdém. Mas diz ela num aparte: — «Não se zombe de ninguém...»



VI — Tu verás; vai conversando...» Pum!!! e, do gargalo estreito, a garrafa, eis senão quando lança esguicho de respeito.



VII — Mas, nisto, o homem pasmado, tendo só aberto o olho, fica num pinto encharcado, até parece zarólho!



VIII — Dos fracos ninguém se ria. Todos têm seu pundonor; sempre se encontra energia pr'a mostrar algum valor.